

A EDUCAÇÃO INTEGRAL DO SER: PROPOSTA E DESAFIO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR CRISTÃ

*Roseli Pereira Corrêa de Lima e Moura**

RESUMO

A educação escolar cristã tem como proposta central a educação integral do ser em três áreas interdependentes: o saber teórico, o saber crítico e os saberes técnicos. Essa proposta tem como tripé axiológico a visão da unicidade do ser humano, da centralidade do Ser divino e da integralidade do processo educacional. Dessa base extrai-se, como abrangência da educação, a formação do ser em três âmbitos, quais sejam: formação cristã, transformação pessoal e crescimento intelectual. O âmago da proposta é que Verdade, Sabedoria e Excelência instruem o ser e o saber do educando em todos os âmbitos de sua vida. A estratégia analítica é prover a ele recursos para que exerça seu direito de saber diferenciar, nas diversas áreas de aprendizado, o dado teórico e científico, de um lado, e o pressuposto filosófico, de outro. Para tanto, é preciso discernir o contexto intelectual contemporâneo, em que domina o sistema de pensamento do humanismo antropocêntrico, relativismo conceitual e naturalismo científico evolucionista. Diante disso, discerne-se, como alvo imediato da educação cristã, não apenas o levantar a bandeira confessional, mas formar uma nova geração de intelectuais, cientistas, tecnólogos, pensadores, filósofos, educadores – enfim, doutores nas ciências exatas e humanas, dotados de mente aberta à exploração da Criação. O alvo mediato é que essa geração seja capaz de ser agente do resgate dos valores cristãos e da excelência cultural, técnica e acadêmica, mediante seu desempenho como indivíduos e como cidadãos. E esse desafio renova-se a cada

* Roseli Pereira Corrêa de Lima e Moura é advogada, bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo e mestre em Teologia, *Magna cum Laude*, com concentração em Educação Cristã, pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper. É esposa do Rev. Hugo Anibal Costa de Lima e Moura, atual pastor da Igreja Presbiteriana da Freguesia do Ó.

geração de pequeninos, ainda na primeira infância – aquela em que se consolidam os primeiros e decisivos elementos de formação social e cultural do indivíduo.

PALAVRAS-CHAVE

Educação escolar cristã; Educação confessional; Contexto epistemológico contemporâneo; Formação integral do ser; Cosmovisão cristã.

INTRODUÇÃO

A educação escolar cristã tem como proposta central a educação integral do ser, sendo Deus o centro unificador da formação do indivíduo em três áreas interdependentes: a constituição do saber teórico, a lapidação do saber crítico e o desenvolvimento dos saberes técnicos. O desafio da educação escolar cristã é o de recuperar os conceitos de verdade, realidade e possibilidade de conhecimento, cuja base seja a teo-referência do cosmos e do ser. A operacionalização desse desafio abrange o confronto com o ateísmo epistemológico e com o relativismo conceitual que imperam no pensamento contemporâneo e embasam o arcabouço filosófico da legislação educacional brasileira.

O objetivo da educação escolar cristã, assim compreendida, é formar uma geração de mente renovada, à luz da cosmovisão cristã, que seja agente de um efeito redentor na cultura. Essa agência implica, primeiramente, adotar uma perspectiva profissional de busca de excelência, em lugar da atual concepção, superficial e predatória, do que seja sucesso pessoal. Implica, em segundo lugar, reconhecer e enfrentar a necessidade – e oportunidade – de apurar, na obra de grandes pensadores como Einstein, Piaget, Darwin e Freud, o que, no labor intelectual deles, é uma genial apropriação da realidade, e o que é interpretação ditada por princípios filosóficos. Finalmente, essa agência exigirá o corajoso resgate do desenvolvimento do patrimônio cultural da humanidade, livre do jugo da cosmovisão ateuista como único parâmetro acadêmico aceitável.

1. EDUCAÇÃO INTEGRAL DO SER

A formação integral do ser humano é a proposição nuclear da educação cristã.¹ Tal proposição está em consonância com a doutrina cristã da centralidade do conhecimento de Deus como propósito principal da vida humana.² Há um vínculo coerente e forte entre a proposição e a doutrina acima e os postulados do humanismo cristão. Este concebe a formação integral do homem, no processo educativo, mediante associação da espiritualidade humana aos demais aspectos da sua formação, tanto no âmbito individual, como no social.³

¹ WILHOIT, Jim. *Christian education & the search for meaning*. 2ª ed., 4ª impressão. Grand Rapids: Baker, 1998, p.12.

² MORELAND, J. P.; CRAIG, William Lane. *Filosofia e cosmovisão cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 661.

³ BORGES, Inez Augusto. *Educação e personalidade*. São Paulo: Mackenzie, 2002, p. 51, 159.

A educação cristã deve fornecer uma visão única da vida, por meio da qual tudo seja referido a Deus e tudo seja aprendido para melhor conhecer e adorar a Deus. Toda ciência deve estar à disposição para contemplação de Deus e para o serviço útil ao próximo e a si mesmo, assim como ao Senhor.⁴

Essa ampla concepção de educação, assim compreendida por tantos pensadores cristãos, vem sendo defendida desde a Reforma Protestante, como ensina Hermisten Maia Pereira da Costa:

O grande objetivo dos Reformadores era preparar homens e mulheres, que, obedientes a Deus, O servissem através do aperfeiçoamento e emprego de suas habilidades, procurando *em todas as esferas da sua existência* glorificar a Deus, realizando assim o propósito de sua criação.⁵

A relevância do estudo para uma vida cotidiana de serviço a Deus, conforme o pensamento calvinista, é ensino que veio aportar em terras brasileiras pelas mãos do protestantismo brasileiro, como observa Roseli Massotti em sua dissertação “Erasmus Braga e os Valores Protestantes na Educação Brasileira”, ao comentar a relação dos protestantes com a educação brasileira:

O protestantismo missionário também considerava (...) que a vida cotidiana deve ser santificada, ideologia que transforma o indivíduo e o diferencia dos demais. O agir calvinista é vocacionado, e os cidadãos se sentem obrigados a se aprimorar intelectual e profissionalmente. (...) Uma boa educação faz parte da crença do crescimento espiritual, uma vez que ela dá as bases para um entendimento da sociedade e da importância da figura divina. Na ética protestante o estudo é elemento integrante.⁶

Dessa base extrai-se, como abrangência da educação, a formação integrada e integralizadora do ser em três âmbitos, quais sejam: *formação cristã, transformação pessoal e crescimento intelectual*.

Sendo Deus o padrão de coerência pessoal interna e o centro unificador da formação do indivíduo, vislumbra-se o núcleo que harmoniza a instrução escolar com as demais áreas de instrução, tais como o lar, o grupo cultural e a instituição religiosa. A imperiosidade dessa harmonia evidencia-se pelo clamor de pais e discipuladores cristãos, que lutam pela preservação da “fé uma vez

⁴ Ibid., p. 82.

⁵ COSTA, Hermisten Maia Pereira da. O conceito de fé explícita e a educação: uma perspectiva reformada. Em “imagem ideal”, citando GILES, Thomas Ransom. *Filosofia da educação*. São Paulo: EPU, 1983, p.59. Obra em fase de publicação, quando citada na apostila do módulo “Fundamentos Bíblico-Teológicos da Educação Cristã”, do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, ministrado pelo Prof. Mauro Meister, de 17 a 21 de outubro de 2005, p. 25. Grifo nosso.

⁶ MASSOTTI, Roseli de Almeida. *Erasmus Braga e os valores protestantes na educação brasileira*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

dada aos santos”, na mente e no coração de seus filhos e discípulos, em meio às seduções de uma sociedade pós-cristã.

Evidencia-se também pelo clamor público em prol de uma boa qualidade de ensino, tanto em benefício da nação brasileira, como dos brasileiros, natos ou *adotivos*, que compõem esta grande e acolhedora nação. Pode-se acrescer a esse rol grande parcela dos pais que, embora não sejam cristãos, por formação ou opção, anseiam para seus filhos esses princípios, cujo valor reconhecem, mas não conseguem transmitir-lhes.

A visão integrada da vida, portanto, não é uma concepção reducionista e obtusa da educação; pelo contrário, o âmbito que objetiva atingir⁷ é de abrangência ampla:

O objetivo da Educação Cristã deve ser o de proporcionar (...) não apenas a obtenção de conhecimentos variados uns dos outros e da sua própria constituição física e moral, mas sim o de conceder uma *visão integrada e coerente de vida*, relacionada com o Criador e com os Seus propósitos.⁸

Descortina-se, a partir daí, a missão da educação escolar como sendo, em primeiro lugar, prover constituição eficiente do *saber teórico* para o exercício do amor a Deus com todo o entendimento e cujo valor maior seja a própria *Verdade*. Para tanto, a educação escolar requer um *saber crítico* operoso e equilibrado, capaz de produzir verdadeira *Sabedoria*, entendida como *aquisição de conhecimento e aplicação* correta do mesmo.⁹ Para isso, o saber crítico precisa da ferramenta do exame livre e honesto de todas as coisas, visando ao discernimento do que é bom, para ser retido e ampliado, e do que não é bom, para ser descartado ou corrigido. Em terceiro lugar, a educação cristã deve prover meios de identificação e desenvolvimento das habilidades individuais, visando ao exercício dos *saberes técnicos* com *Excelência*, à percepção e ao cumprimento da função social e cultural desses saberes e à contínua contribuição para o desenvolvimento do saber humano.

Essa busca de harmonia entre a instrução escolar e as demais áreas de instrução é norteadada pelo princípio de uma formação harmônica e coerente no seu todo, de tal modo que *Verdade*, *Sabedoria* e *Excelência* instruem o ser e o saber do educando em todos os âmbitos de sua vida. Engelsma milita nessa linha de raciocínio quando conceitua cultura, afirmando que:

Isso inclui conhecimento de cada faceta da criação e da história do homem e das nações; o desenvolvimento de todos os talentos e capacidades da pessoa (...). Nosso

⁷ MORRIS, Henry M. *Christian education for the real world*. 3ª ed. El Cajon, CA: Master Books, 1991, p. 28: “It is not narrow and restricted education (...), but extremely comprehensive (...) in its scope”.

⁸ PORTELA, Solano. *Educação cristã?* São Paulo: Fiel, 1988, p. 9, 4 e 1. Grifo nosso.

⁹ *Ibid.*, p. 1.

alvo é um homem de Deus, ou mulher, maduros, vivendo neste mundo, em cada área da vida, com todas as suas potencialidades, como servos-amigos de Deus (...), administrando a criação para a glória de Deus, seu Criador e Redentor.¹⁰

Essa perspectiva *universalizada* implica a percepção da natureza essencial do universo como obra da criação. Implica também uma atuação coerente com a realidade do universo, sabendo-se que:

A realidade de uma coisa não depende do processo através do qual adquirimos a nossa percepção dela. As coisas realmente existem e continuam a existir independentemente de como nós as descobrimos. (...) *Nós não criamos novo conhecimento*, mas desenvolvemos métodos que possibilitam a nós e a nossos alunos ter acesso ao universo real.¹¹

Ora, a contribuição do *saber teórico* é requisito fundamental para que o *saber crítico* seja capaz de fornecer aos *saberes técnicos* dados que propiciem a distinção entre fato e interpretação ideológica. Desse modo, o saber crítico fica habilitado a fornecer, para os saberes técnicos, elementos de identificação *da cosmovisão radical* imposta pelo exercício dos poderes da intelectualidade dominante. Essa intelectualidade tende maciçamente a ver *o ser humano* como um conjunto de compartimentos estanques, incomunicáveis entre si e meramente justapostos, de religiosidade, racionalidade e sociabilidade. Tende a ver *o patrimônio cultural da humanidade* como um todo composto por dois conjuntos distintos de saber, cada vez mais distantes um do outro: o das ciências exatas, que adotam o critério da *observação científica* como único meio de acesso à verdade, e o campo das ciências humanas, sob o primado das subjetividades individualistas e do prazer como objetivo maior do ser humano.

Ademais, é dever da educação escolar *respeitar o direito, do educando, de saber diferenciar, nas diversas áreas de aprendizado, o dado teórico e científico, de um lado, e o pressuposto filosófico, de outro*. Esse respeito ao educando deve integrar pelo menos três elementos de formação da desenvoltura civil e profissional do educando.

Como primeiro elemento, destaca-se uma *ambiência intelectual* favorável ao exercício do direito constitucional de liberdade de pensamento, em suas vertentes de liberdade de opinião, de religião, de informação, artística e de comuni-

¹⁰ ENGELSMA, David J. *Reformed education*. South Holland, Illinois: Federation of Protestant Reformed School Societies, 1977; reimp. Federation of Protestant Reformed Young People's Society, 1981, p. 43, 78: "This includes thorough knowledge of every facet of creation and of the history of men and nations; the development of all one's talents and capabilities in the world. (...) Our goal is a mature man, or woman, of God who lives in this world, in every area of life, with all his powers, as God's friend-servant (...), ruling creation to the praise of God, his Maker and Redeemer". Tradução nossa.

¹¹ SPEARS, Paulo. Introdução à filosofia. In: *Fundamentos bíblicos e filosóficos da educação*. São Paulo: ACSI, 2004, p. 22-23. Grifo nosso.

cação do conhecimento.¹² Como segundo elemento, apresenta-se a compreensão da *plausibilidade de uma cosmovisão* que desate o nó dos conflitos subjetivos – gerados pela falsa contraposição entre razão e fé. Em terceiro lugar, assoma a imperiosa a percepção da busca do saber sob os seguintes axiomas: primeiro, “*não é possível que a mentira prevaleça sobre a verdade*”¹³; segundo, *é possível atuar em busca de um efeito redentor da cultura*, para “inverter os efeitos da Queda e restabelecer a dignidade e o propósito originais da humanidade”.¹⁴

O objetivo, portanto, é o de uma educação transformadora, crítica, ética, voltada para o trabalho e a cidadania. Isso envolve o homem na totalidade de seu ser e ambiente. No *âmbito individual*, visa à integração e restauração do indivíduo para a glória de Deus. No *âmbito social*, visa à promoção do bem-comum. O presente desafio da educação escolar cristã é, portanto, uma tarefa gigantesca, pois, o contexto filosófico da civilização ocidental revela hoje o que tem sido identificado como era *pós-cristã*. E os poderes dessa intelectualidade dominante, no Brasil, têm sido exercidos com vigor na academia e na legislação educacional.

2. CONTEXTUALIZANDO O DESAFIO

Discernir o contexto é requisito para qualquer ação estratégica a tomar. Quanto mais acurado o discernimento, tanto mais eficaz a estratégia e mais relevantes os resultados. De fato, o “coração do sábio conhece o tempo e o modo. Porque para todo propósito há tempo e modo” (Ec 8.6b-7a). Esse discernimento do momento histórico e a diagnose acurada da natureza do problema a resolver são recursos imprescindíveis de todo estrategista. É tão relevante que mereceu registro bíblico em fato histórico. Ao tempo em que o reino foi transferido de Saul a Davi, há um destaque especialmente interessante a respeito de uma das tribos, dentre os contingentes do exército que proclamou a Davi rei em Hebrom: “Dos filhos de Issacar, *conhecedores da época, para saberem o que Israel devia fazer*, duzentos chefes e todos os seus irmãos sob suas ordens” (1 Cr.12.32).

É que conhecer a época (ou discernir o tempo) tem como requisito saber o que fazer (ou identificar o modo), e ambos têm como condição essencial um referencial de valor. Sem esse referencial, o *discernimento do tempo de agir* fica prejudicado e, por conseqüência, a *definição do modo de agir* dificilmente alcançará o alvo a que se propõe. Esse, aliás, foi o ensino dos irmãos

¹² O exercício desse direito constitucional também garante à instituição de ensino o direito de diferenciar, na legislação (educacional) infra-constitucional, o elemento normativo, que deve ser cumprido, do elemento filosófico, para ser interpretado conforme orientação confessional adotada pela instituição de ensino. Para maior exame da matéria, ver a dissertação da articulista intitulada *A perspectiva cristã da educação e as bases da escola de confissão protestante*, disponível na biblioteca do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, do Instituto Presbiteriano Mackenzie.

¹³ Como ensina o Rev. Sebastião Machado Arruda, pastor da Igreja Presbiteriana Conservadora do Brasil.

¹⁴ COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. *E agora como viveremos?* 2ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p. 13, 398.

de Beréia, elogiados pelo apóstolo Paulo: “estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a Palavra com toda a avidez, *examinando as Escrituras, todos os dias para ver se as coisas eram de fato assim*” (At 17.11). Ademais, essa relação de tempo e modo, ou de causa e efeito, é o meio preparado por Deus para promover a fé em Cristo: “Estes [sinais] foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20.31).

Essa lição também é de ser aprendida com os reformadores, cujo histórico empenho em prover instrução geral deveu-se à convicção de que a massa do povo precisava aprender a ler. Seu grande mérito foi o de terem identificado o cerne do problema: o povo precisava ter acesso ao texto bíblico. A solução previsível, dadas as circunstâncias da época, seria a de alguém instruído ler o texto para o povo. Mas os reformadores foram revolucionários. Tiveram a ousadia de desarmar trincheiras seculares e adotar a solução que se tornou divisor de águas na história da civilização ocidental: o ensino gratuito para o povo. Tão relevante que hoje integra o conjunto dos direitos fundamentais do homem, celebrado por acordos internacionais e abrigado pela legislação constitucional dos mais diversos países.

É tempo de seguir o exemplo deles. Discernir o tempo, e ter padrões referenciais, é a chave para a percepção do caminho a tomar. Se o objetivo é uma educação transformadora, envolvendo o homem na totalidade de seu ser e ambiente, é preciso saber quem é o educando hoje e que tipo de pessoa pretende-se formar, a fim de serem estabelecidas com eficácia as estratégias para que esse objetivo seja alcançado. Diante disso, cabe perguntar: o que o presente século tem a oferecer à educação escolar? Qual é o desafio com que se defronta a educação escolar cristã hoje?

3. O SÁBIO CONHECE O TEMPO

Para obtermos resposta à questão da natureza do desafio com que se defronta a educação escolar cristã hoje, há que tecer considerações acerca dos elementos caracterizadores do contexto epistemológico do presente século.

3.1 O pensamento contemporâneo e a verdade

A epistemologia, em termos sumários, é o campo da filosofia que estuda o conhecimento, tendo por objeto a teorização da atividade (o ato de conhecer), bem como dos objetos (o que conhecer) e dos resultados do conhecimento (a certeza da veracidade do conhecimento obtido).¹⁵ Sob o enfoque da investigação de “qual visão da realidade é verdadeira” e que métodos aplicar para alcançar o conhecimento da verdade,¹⁶ a epistemologia revela o vínculo necessário entre a realidade e a verdade, pois *a verdade está nuclearmente “ligada ao processo*

¹⁵ SCHAEFFER, Francis. *O Deus que intervém*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 22.

¹⁶ GEISLER, Norman; BOCCHINO, Peter. *Fundamentos inabaláveis*. São Paulo: Vida, 2003, p. 46, 39.

de investigação e descoberta de um atributo da realidade”.¹⁷ O conhecimento, portanto, “pressupõe a verdade: pode haver verdade sem conhecimento, mas não pode haver conhecimento sem verdade”:¹⁸

Aqueles que afirmam que a verdade realmente não varia de pessoa para pessoa, de grupo para grupo, aceitam a *verdade absoluta*. Também chamada de *verdade objetiva*. Em tal visão, as pessoas descobrem a verdade, não a criam, e uma afirmação é tornada verdadeira ou falsa, de uma maneira ou outra, por meio da própria realidade, totalmente independente do fato de a afirmação ser aceita por qualquer pessoa.¹⁹

Esse processo de descoberta da verdade objetiva está sempre presente em toda atividade humana: na relação da pessoa consigo mesma, com o outro, com o mundo que a rodeia e com Deus, esteja a pessoa consciente desse fato ou não. Ora, o contexto contemporâneo torna contundente a reflexão sobre epistemologia, visto que as idéias da relativização da verdade e da subjetivização da realidade levaram o mundo à perda de referência, de valores e de sentido da vida: “O pensamento moderno abandonou a idéia de verdade, com trágicas conseqüências para todas as áreas da cultura – desde a filosofia, até a arte, música, teologia e na sociedade como um todo”.²⁰

Esse conceito, enraizado nos meios acadêmicos, implica em considerar a verdade obsoleta.²¹ Tal idéia é reflexo da perda de absolutos e da descrença de que o verdadeiro conhecimento seja possível: “A suposta morte da epistemologia e o fenecimento do conceito de verdade no campo filosófico reduzem toda afirmativa à categoria de crença contingente, arbitrária ou aleatória”.²² O resultado é que “pessoas sérias hoje em quase todos os campos estão dizendo: “não há absolutos” e “a verdade é relativa”. (...) elas ficaram céticas em relação ao próprio conhecimento”.²³

É, por certo, o conflito epistemológico de uma geração de pessoas anti-filosóficas, presas por uma profunda incerteza no campo do saber.²⁴ Questionando até a realidade do *objeto do saber*, jogaram gerações inteiras em um conflito muito maior, qual seja, o conflito metafísico, que leva as pessoas à desesperança cognitiva e existencial.

¹⁷ Ibid., p. 29. Grifo nosso.

¹⁸ Ibid., p. 112-113.

¹⁹ Ibid., p. 170.

²⁰ SCHAEFFER, *O Deus que intervém*, p. 8.

²¹ GEISLER; BOCCHINO, *Fundamentos inabaláveis*, p. 29.

²² GOMES, Davi Charles. A suposta morte da epistemologia e o colapso do fundacionalismo clássico. *Fides Reformata*, v. 2, julho-dezembro 2000, p. 116.

²³ VEITH JR., Gene Edward. *De todo o teu entendimento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 108-109.

²⁴ SCHAEFFER. *O Deus que se revela*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 93-94, 95.

Daí decorre que o maior problema da sociedade contemporânea “encontra-se no âmbito do conhecimento”. Como diz Schaeffer, esse “é o problema central da nossa geração”, pois “a menos que nossa epistemologia esteja correta, tudo o mais será errado”.²⁵ Essa exortação faz eco à do apóstolo Paulo: “Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo” (Cl 2.8).

3.2 O pensamento contemporâneo e a educação

A educação, por sua vez, sofre o impacto da perda da esperança de uma resposta unificada para o conhecimento e a vida.²⁶ Isto porque “onde a educação clássica buscava o verdadeiro, o belo e o bom, o pós-modernismo acadêmico busca “o que funciona”.²⁷ Essa abordagem do conhecimento alterou “as regras (...) na epistemologia e na metodologia, ou seja, o método de tratar a questão da verdade e seu conhecimento”.²⁸ A matéria, portanto, concerne aos “resultados práticos do processo educacional”; trata-se do “tipo de homem” que se pretende produzir, ante a proposta de “varrer para longe os valores tradicionais e dar início a um novo repertório” de valores “racionais” ou “biológicos”. É a busca do “tipo de consciência”,²⁹ ditada pela associação entre autonomia moral e relativismo conceitual.

Fica evidente, aí, mais um impacto, o impacto da presente questão epistemológica na escola, cuja matéria prima de trabalho é o próprio conhecimento: este passou a ser tratado como uma *construção individualista*, a partir da interação do sujeito do conhecimento com a sociedade e com os elementos de realidade que o cercam. O resultado é apontado por Veith:

Nós testemunhamos essa paralisia do conhecimento no que todos admitem ser uma crise na educação contemporânea. Se a verdade é relativa, ainda é possível ser um educador sob tais suposições. O que acontece é que a abordagem à instrução é radicalmente alterada. (...) Embora tenha começado uma reação contra alguns dos experimentos educacionais do último século, as universidades ainda reclamam da preparação medíocre dos seus alunos. Muitos deles não têm nenhum conhecimento sobre o qual construir mais conhecimento.³⁰

Em função disso, nas universidades os departamentos de ciências humanas estão deixando a busca do conhecimento³¹, visto que “a idéia de verdade

²⁵ Ibid., p. 75, 37.

²⁶ SCHAEFFER, *A morte da razão*. 7ª ed. São Paulo: Fiel, 1997, p. 44.

²⁷ VEITH JR., Gene Edward. *Tempos pós-modernos*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999, p. 52.

²⁸ SCHAEFFER, *A morte da razão*, p. 40.

²⁹ LEWIS, C. S. *A abolição do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 5, 10, 40, 58.

³⁰ VEITH, *De todo o teu entendimento*, p. 108-109.

³¹ JOHNSON, Phillip E. *Ciência, intolerância e fé: a cunha da verdade rompendo os fundamentos do naturalismo*. Viçosa, MG: Ultimato, 2004, p. 188.

objetiva há muito ficou obsoleta, e o subjetivismo domina na forma de pós-modernismo, multiculturalismo, desconstrutivismo (...)”. O impacto dessa concepção se faz sentir com tanta força nas universidades que, “embora ostensivamente dedicadas ao cultivo da verdade, agora argumentam que a verdade inexistente” e “estão redefinindo o que seja uma educação de nível superior.”³²

Já “nas ciências físicas, um ideal de conhecimento objetivo ainda detém o controle”.³³ É o dualismo que divide o conjunto de estudos universitários em duas áreas: as ciências, orientadas pelo naturalismo filosófico, e as artes e ciências humanas, orientadas pelo idealismo filosófico (segundo o qual as idéias não refletem a realidade, mas são meras estratégias de sobrevivência).³⁴

A metodologia pedagógica, por sua vez, também passou a ser instruída pelo relativismo conceitual. Friedrich Froebel, um teorizador educacional alemão do século 19, fundou o primeiro jardim da infância, com a visão de que a educação “é vista como o meio de passagem da humanidade para a próxima fase da evolução”: “Velhos padrões da verdade e da virtude deveriam ser lançados fora para dar liberdade ao Novo Homem, o qual está, neste momento, evoluindo através de nossas crianças”.³⁵

Uma das figuras chave dessa mudança de metodologia de ensino foi John Dewey, que nasceu em 1859, o mesmo ano em que Darwin publicou *Origem das espécies*, e propôs uma filosofia educacional baseada na teoria da evolução biológica, sob a forma de evolução mental. Tal teoria instrui os educadores a propor problemas e deixar que “os alunos construam suas próprias respostas (...). Os professores não são instrutores, mas “facilitadores” que orientam os alunos quando experimentam as diversas estratégias para descobrir o que funciona para eles.”³⁶

É de Dewey a proposta de “sacudir os alunos da estrutura moral preexistente, que eles assimilaram da família, igreja e outras fontes, a fim de que possam sondar seus verdadeiros sentimentos sobre o certo e o errado”. Uma técnica é apresentar aos alunos dilemas morais difíceis: “A meta dessas atividades é separar os alunos dos ensinamentos morais assimilados de fora para que entrem em contato com seus autênticos valores pessoais”. Assim, a educação moral passou a ter como objetivo ensinar os alunos “a sondar seus próprios sentimentos e valores subjetivos”.³⁷ Esse tipo de método tem a característica de instruir professores a não serem “de forma alguma diretivos”, para que os alunos façam suas próprias escolhas, independente do resultado a que cheguem.³⁸

³² VEITH, *Tempos pós-modernos*, p. 50.

³³ PEARCEY, Nancy. *Verdade absoluta*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 127s.

³⁴ Idem, p. 258.

³⁵ COLSON; PEARCEY, *E agora como viveremos?*, p. 394.

³⁶ PEARCEY, *Verdade absoluta*, p. 266s, citações no parágrafo e extrato.

³⁷ Ibid., p. 267s.

³⁸ COLSON; PEARCEY. *E agora como viveremos?*, p. 393-394.

Dewey foi precursor de Jean Piaget, cuja notoriedade consolidou-se em função de suas propostas metodológicas em pedagogia, as quais revolucionaram o ensino nos tempos modernos. Ocorre que ele ultrapassou os limites da teorização da metodologia pedagógica, defendendo princípios filosóficos que condenam postulados como *consciência do dever*, *submissão à autoridade* (“própria de civilizações inferiores”) e *responsabilidade coletiva* (“fundamental no código das éticas primitivas”).³⁹

Essa teoria educacional, conhecida como construtivismo, postula que “somos meramente organismos que se adaptam ao ambiente, de forma que o único teste de uma idéia é se ela funciona”,⁴⁰ visto não haver um padrão universal e absoluto de certo e errado.⁴¹ Gene Veith análise essa proposta epistemológica, afirmando que o entendimento de que as pessoas devem construir seus próprios significados implica a “rejeição da verdade e a tentativa de substituir Deus”. Segundo ele, isto se chama idolatria,⁴² pois, de acordo com o pós-modernismo:

o ser humano é o criador da verdade... [e] a fonte da moralidade. Em outras palavras, o ser humano é deus. Esse tipo de paganismo é tão antigo quanto o Éden. (...) Satanás prometeu a Eva que, se ela comesse do fruto proibido por Deus, ela conheceria a ciência do bem e do mal, e “seria como Deus” (Gn 3.4,5). Esse, de acordo com a Bíblia, é o pecado original.⁴³

Como se verifica, o presente século (Rm 12.2) impõe à escola de confissão protestante o desafio de lutar para que alegações filosóficas sejam separadas de teorias científicas, para que não se tratem questões filosóficas como se fossem ciência.⁴⁴

Em suma, a concepção cristã da educação escolar defronta-se com um contexto em que domina o sistema de pensamento do humanismo antropocêntrico, relativismo conceitual e naturalismo científico evolucionista. Daí provém as teorias pedagógicas centradas nos postulados da autonomia intelectual e moral como elaboração subjetiva do próprio aluno. É essa a natureza do desafio com que se defronta a educação escolar cristã hoje, tornando cada vez mais urgente o resgate do postulado da heteronomia teo-centrada e, por isso mesmo, harmonizadora do ser consigo mesmo, com seu semelhante e com o universo criado.

4. O SÁBIO CONHECE O MODO

O papel da confessionalidade na educação cristã externa-se pelo amar a Deus de todo o entendimento (Mt 12.28-30), à luz do padrão estabelecido pela própria Palavra:

³⁹ PIAGET, Jean. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus, 1994, p. 90, 192.

⁴⁰ PEARCEY, *Verdade absoluta*, p. 269-270.

⁴¹ COLSON; PEARCEY, *E agora como viveremos?*, p. 396.

⁴² VEITH, *Tempos pós-modernos*, op. cit., p. 57.

⁴³ VEITH, *De todo o teu entendimento*, op. cit., p. 108.

⁴⁴ COLSON; PEARCEY, *E agora como viveremos?*, p. 503.

Para aprender a sabedoria e o ensino; para entender as palavras de inteligência; para obter o ensino do bom proceder, a justiça, o juízo e a equidade; para dar aos simples prudência e aos jovens, conhecimento e bom siso. Ouça o sábio e cresça em prudência; e o instruído adquira) habilidade para entender provérbios e parábolas, as palavras e enigmas dos sábios (Pv 1.2-6, NTLH).

Ora, aprender a sabedoria e o ensino, em uma educação confessional, implica discernir a relação da confessionalidade com a atividade educativa. É de se aplicar à matéria a análise que Heber Carlos de Campos faz acerca dos desafios que a igreja enfrenta em face do pluralismo pós-moderno como sendo: volta à verdade objetiva, não ter medo de assumir a verdade, não se fechar em um gueto e voltar à confessionalidade.

A educação cristã não se resume, portanto, a “começar uma aula com a leitura da Bíblia e oração”.⁴⁵ A proposta pedagógica da escola cristã visa a promover formação escolar e acadêmica que propicie ao aluno a capacidade de aprender a se relacionar com Deus, com o próximo e com o mundo físico e social, a partir de sua relação com Deus. A importância dessa proposição decorre da constatação de que o que molda a sociedade molda a escola.⁴⁶

Então, também é tarefa da educação cristã empenhar-se por reverter o quadro social e cultural com que se defronta na atualidade. Espera-se que a escola passe a formar cidadãos cuja atuação seja capaz de moldar a sociedade, em vez de serem moldados por ela. Espera-se que o façam com eficaz influência junto ao contexto cultural dominante, aplicando de modo positivo o ensino de que “um pouco de fermento leveda toda a massa” (Gl 5.9).

Conclui-se, portanto, que o exercício da confessionalidade cristã precisa urgentemente ultrapassar a visão restrita à educação religiosa e à postura apologética meramente defensiva. É necessário recuperar um sistema de pensamento que permita a retomada dos significados eternos norteadores dos padrões cognitivos e éticos, aplicáveis ao ser, ao saber e ao agir humanos.

É preciso que a instituição confessional de ensino faça-se valer, com inteligência e discernimento, dos direitos fundamentais que a Constituição Federal lhe garante. Trata-se de diferenciar o elemento normativo da legislação educacional, que deve ser cumprido, do elemento filosófico da mesma legislação, que pode ser interpretado conforme “ideologia própria”, nos termos da própria legislação infraconstitucional e à luz das referidas garantias constitucionais.

Nesse caminho, há pelo menos dois conjuntos de ações a tomar. Partindo de uma eficaz e corajosa redefinição da identidade, função e propósito da escola confessional cristã, é preciso, em primeiro lugar, aplicar a estratégia de desconstrução do arcabouço axiológico da filosofia educacional dominante, à luz da *cosmovisão* cristã.

⁴⁵ Ibid., p. 399.

⁴⁶ WOLTERSTORFF, Nicholas P. *Education for Life: Reflections on Christian Teaching and Learning*. Grand Rapids: Baker Academic, 2003, p. 242: “What shapes our society shapes our schools”.

O segundo passo é a recuperação dos conceitos de verdade, realidade e possibilidade de conhecimento, cuja base seja a *teo-referência*⁴⁷ *do cosmos e do ser*, de modo que se transmita a essa geração “a certeza das palavras da verdade, a fim de que” possa “responder claramente” aos que os confrontarem acerca dessas coisas (Pv 22.21). Para que fim? Não apenas o de levantar a bandeira confessional, mas *formar uma nova geração de intelectuais, cientistas, tecnólogos, pensadores, filósofos, educadores – enfim, doutores nas ciências exatas e humanas, dotados de mente renovada* capaz de exercer o mandato cultural, em todas as frentes do saber e labor humanos, com esperança, dedicação e excelência. Para tanto, apontam-se, dentre os passos dessa caminhada, aqueles cuja operacionalização parece mais relevante:

- *Primeiro*, a elaboração dos conceitos que formam o entendimento de cada campo de conhecimento em dois âmbitos: o interno, mediante interação com o elemento vocacional e projetos pessoais; o externo, mediante interação com o elemento globalizado do estado da técnica, da cultura e da arte.
- *Segundo*, a identificação das vocações individuais – de cada educando, qualquer que seja seu potencial intelectual e operacional – e a aplicação social dessas vocações.
- *Terceiro*, a preparação do indivíduo para sua inserção social, mediante habilitação profissional para o exercício de suas potencialidades e consciência cívica de seu lugar e função no ambiente social.
- *Quarto*, o esclarecimento da abrangência do conceito de conhecimento, no sentido de que o mesmo implica: preservação do patrimônio cultural da humanidade; transmissão desse conhecimento de uma geração a outra; habilitação da geração receptora, de modo que esta seja capaz de agregar mais conhecimento e de transmitir o patrimônio, assim acrescido à geração subsequente.

Por fim, considere-se que a construção desse entendimento deve resultar do processo de formação de massa crítica que proveja discernimento e domínio do próprio arbítrio. *Massa crítica*, porque não é possível que se continue a aceitar passivamente a ausência de liberdade para aplicação de categorias de pensamento científico com a honestidade e o profissionalismo inerentes à boa ciência e aos cientistas de envergadura, cujo eterno desafio é a sincera busca por neutralidade filosófica na interpretação do dado científico. *Discernimento*, porque não basta formar o cidadão; é preciso que se faça dele um agente saneador e transformador da sociedade. *Domínio do próprio arbítrio*, porque a aplicação das vocações individuais precisa perder o parâmetro do egocentrismo hedonista; precisa ser dirigida por uma cosmovisão que leve o indivíduo a olhar, com convicção e esperança, para o outro e para o grupo

⁴⁷ Valendo-nos mais uma vez da expressão da lavra de Davi Charles Gomes, pelo muito que tão poucas letras são capazes de exprimir.

social, para o cosmos e para o futuro, enquanto se dedica à identificação e ao desenvolvimento de suas vocações individuais.

Essa formação tem respaldo em relatos bíblicos como o dos jovens hebreus na Babilônia,⁴⁸ os quais deveriam ser instruídos em toda sabedoria, doutos em ciência, versados no conhecimento e competentes para servir. Ora, a aplicação contemporânea dessa formação pode ser entendida como: (1) *ser instruídos em toda a sabedoria*: ter habilidades e técnicas necessárias para o aprendizado avançado, com domínio de métodos e acúmulo de conhecimentos; (2) *ser doutos em ciência*: para o desenvolvimento do estado da técnica, da cultura e da arte; (3) *ser versados no conhecimento*: pela assimilação intelectual de habilidades específicas, com inter-relação entre elas e discernimento das implicações; (4) *ser competentes para servir*: com habilidades sociais voltadas à melhora do tecido social, com vistas à sua regeneração.

A educação cristã, na esteira desse norte, é exortada pela Palavra de Deus nos seguintes termos: “O temor do Senhor é o princípio [*ponto de partida e norma*] da sabedoria, e o conhecimento do Santo é prudência” (Pv 9.10).

Assim, há que se ter como alvo que os alunos, na aquisição da instrução, da sabedoria, da habilidade e da competência, aprendam a: (a) conhecer a verdade absoluta e a realidade objetiva, interpretadas pela lente da revelação feita por Deus ao homem; (b) fazer as obras para as quais foram criados, com a dignidade e a excelência da própria imagem de Deus neles impressa; (c) conviver em paz, no exercício do amor ao próximo, contribuindo para a formação constante de boas condições de convivência social e do senso da dependência mútua para o bem comum; (d) ser verdadeiramente humanos, no exercício do amor a Deus, com entendimento, espírito submisso a Deus e prontidão para servir ao próximo.

Tais objetivos estão em consonância com os pressupostos da LDB, artigo 22, segundo o qual “a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

A escola cristã concilia os ditames da LDB com os princípios cristãos, buscando: (1) favorecer o *desenvolvimento* integral do educando; (2) promover práticas educativas que visem à formação da *competência* do educando no plano individual e coletivo; (3) estimular a *integração* do aluno às exigências do mercado. Esse exercício a escola cristã realiza à luz de sua orientação confessional, o que, nos termos da legislação educacional brasileira em vigor, implica o direito de exercer seus deveres à luz de *ideologia* própria.

CONCLUSÃO

Pode-se extrair a suma de tudo quanto foi exposto mediante a afirmação de que a proposta da educação escolar cristã é a formação integral do ser, o

⁴⁸ “Disse o rei a Aspenaz, chefe dos seus eunucos, que trouxesse alguns dos filhos de Israel, tanto da linhagem real como dos nobres, jovens (...) instruídos em toda sabedoria, doutos em ciência, versados no conhecimento e que fossem competentes para assistirem no palácio do rei e lhes ensinassem a cultura e a língua dos caldeus” (Daniel 1:3-4, versão Almeida, Revista e Atualizada).

que deve se dar em face do desafio de tornar o educando alerta ao ambiente cultural, útil à sociedade, agente do resgate dos valores cristãos e da excelência cultural, técnica e acadêmica, mediante o desempenho de seu papel como indivíduo e como cidadão.

Na verdade, o grande desafio é retomar a vocação intelectual e educacional protestante, como bem aponta o articulista do periódico *Biblioteca Entrelivros*: “Na época moderna, marcada pelo iluminismo e pela Reforma Protestante, o pensamento ocidental viu-se instado a dialogar outra vez com a cultura”.⁴⁹

E, sendo esse desafio renovado *a cada geração dos pequeninos*, constata-se que o ponto de partida da sabedoria é, estrategicamente, ensinar *a criança* no caminho em que deve andar, pois, desse modo, não se desviará dele até sua velhice (Pv 22.6).

ABSTRACT

The central proposition of Christian school education is the integral education in three interdependent areas: theoretical knowledge, critical knowledge, and technical knowledge. The axiological tripod that supports this proposition is the unicity of the human being, the centrality of the divine Being, and the integrality of the educational process. It is possible to derive from such a basis, as scope of education, the formation of the individual in three areas, namely, Christian formation, personal transformation, and intellectual growth. The core of the proposition is that *Truth, Wisdom, and Excellence* should guide the existence and knowledge of learners in all spheres of life. As an analytical strategy, learners should receive the resources they need to exercise their right to know how to distinguish in different areas of learning, the theoretical and scientific datum in the one hand, and, on the other hand, the underlying philosophical presuppositions. It is, thus, essential to discern the present intellectual context, controlled by anthropocentric humanistic thought, conceptual relativism, and evolutionist scientific naturalism. In such a context, the most immediate goal of Christian education should consist not only in defending confessionality, but also in forming a new generation of intellectuals, scientists, technologists, thinkers, philosophers, and educators, experts in exact and human sciences, endowed with a renewed mind. The immediate goal it to enable the members of the present generation to recover their Christian values and their cultural, technical and academic excellence through their performance as individuals and citizens. This is the challenge presented and renewed to us by each new generation of little ones in the critical years of consolidation of the first and decisive elements of social and cultural formation of the individual.

KEYWORDS

Christian school education; Confessional education; Contemporary epistemological context; Human integral education; Christian worldview.

⁴⁹ SAVIAN FILHO, Juvenal. O pensamento cristão configura vida no Ocidente. *Biblioteca Entrelivros Santa Filosofia*, edição nº 7, “A condição humana na reflexão dos grandes pensadores cristãos.”